

HISTÓRIA DA FISIOTERAPIA NO ALTO URUGUAI GAÚCHO: MEMÓRIAS DE UMA FISIOTERAPEUTA

HISTORY OF PHYSIOTHERAPY IN ALTO URUGUAI GAÚCHO: MEMORIES OF A PHYSIOTHERAPIST

Naiane Ronsoni Rigo^I 

Natalia Demarco Kielek^{II} 

Elisabete Maria Zanin^{III} 

Miriam Salete Wilk Wisniewski^{IV} 

^I Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Erechim, RS, Brasil. Graduanda de Medicina. E-mail: naianeronsoni@hotmail.com

^{II} Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Erechim, RS, Brasil. Graduanda de Medicina. E-mail: nataliakielek@hotmail.com

^{III} Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Erechim, RS, Brasil. Doutora em Ciências. E-mail: emz@uricer.edu.br

^{IV} Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Erechim, RS, Brasil. Doutora em Ciências. E-mail: msalete@uricer.edu.br

Resumo: A fisioterapia era inicialmente definida como um método que utilizava recursos da natureza como tratamento. A palavra foi utilizada pela primeira vez pelo médico militar Lorenz Gleich, em 1851, mas existem registros, na China, do uso da natureza como método de cura datados de 2698 a.C. As primeiras escolas de fisioterapia surgiram na Europa do século XX, na Alemanha, após a deflagração do Movimento Higienista da Saúde. Já no Brasil, a introdução da fisioterapia aconteceu em 1919, na cidade de São Paulo. Contudo, foi somente no ano de 1969 que foi legitimada como profissão, por meio do Decreto Lei nº 938, em treze de outubro. Objetiva-se, com este artigo, abordar o primeiro marco histórico da fisioterapia no município de Erechim, Rio Grande do Sul, utilizando-se dos relatos e vivências de uma profissional, reconhecida como a primeira mulher fisioterapeuta a trabalhar no Alto Uruguai Gaúcho. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada e por pesquisa bibliográfica *online*. Esse registro biográfico é fundamental para a compreensão e o estabelecimento da fisioterapia em Erechim, retratando o protagonismo feminino presente na profissão.

Palavras-chave: Registro histórico. Profissões. Fisioterapia. Erechim.

Abstract: Physiotherapy was initially defined as a method that used natural resources as treatment. The word was used for the first time by the military doctor Lorenz Gleich, in 1851, but there are records, in China, of the use of nature as a healing method dating back to 2698 BC. The first physiotherapy schools emerged in the 20th century Europe, in Germany, after the outbreak of the Health Hygienist Movement. In Brazil, the introduction of physiotherapy occurred in 1919, in the city of São Paulo. However, it was only in 1969 that it was legitimized as a profession, through Decree Law no. 938, on October thirteenth. The aim of this article is to

DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v20i41.1422>

Submissão: 29-05-2024

Aceite: 07-06-2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

address the first historical milestone of physiotherapy in the city of Erechim, Rio Grande do Sul, using the reports and experiences of a professional, recognized as the first female physiotherapist to work in Alto Uruguai Gaúcho. Data collection was carried out through a semi-structured interview and online bibliographic research. This biographical record is fundamental for the understanding and establishment of physiotherapy in Erechim, portraying the female protagonism present in the profession.

Keywords: Historical registration. Professions. Physiotherapy. Erechim.

Introdução

Do ponto de vista etimológico, a palavra fisioterapia tem origem grega, da junção dos termos *physis* (natureza, função orgânica) e *therapeia* (terapia), sendo definida, dessa forma, como o tratamento por meio dos recursos da natureza (Fonseca, 2012; Oliveira, 2014). Hipócrates foi pioneiro no uso do termo “medicina de reabilitação”, um dos preceitos da fisioterapia moderna (Silva *et al.*, 2012). Já a palavra “fisioterapia”, em seu amplo significado, foi utilizada pela primeira vez na obra “*Dr Gleich’s Physiatrische Schriften*”, em 1851, pelo médico militar Lorenz Gleich (Fonseca, 2012).

Os primeiros registros do uso da natureza como meio de cura datam de 2698 a.C. e tem origem chinesa, citando exclusivamente a cinesioterapia (Brandenburg; Martins, 2012; Silva *et al.*, 2012). O “Movimento Higienista da Saúde”, criado na Europa em um contexto de urbanização e industrialização acelerados, marcado pela ausência de condições adequadas de moradias e saneamento básico e pelo surgimento de epidemias, trouxe novamente o conceito das terapias da antiguidade, aliadas aos novos métodos de cura, como medicalização da massagem, da ginástica, da eletroterapia e da mecanoterapia (Fonseca, 2012; Moreira, 2014). Essa nova formatação do método terapêutico foi intitulada fisioterapia e praticada por profissionais fisioterapeutas, buscando aplicar novas técnicas de tratamento por meio do movimento para o manejo de doenças e de sequelas que até então eram negligenciadas pela medicina da época (Fonseca, 2012).

As primeiras escolas de fisioterapia surgiram na Europa do século XX, após a chegada do Movimento Higienista (no fim do século XIX), mais especificamente nas cidades alemãs de Kiel (em 1902) e Dresden (em 1918) (Fonseca, 2012; Brandenburg; Martins, 2012).

Em 1919, na cidade de São Paulo, o professor Raphael de Barros, fundou o Departamento de Eletricidade Médica, inserido na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), introduzindo a fisioterapia brasileira (Marques; Sanches, 1994). Em 1951, também em São Paulo, o médico Dr. Waldo Rolim de Moraes, lançou o primeiro Curso de Fisioterapia do Brasil, patrocinado pelo centro de estudos Raphael de Barros, em que aulas eram ministradas pelo corpo docente de médicos do Instituto Central do Hospital das Clínicas e, no final, os estudantes eram testados por meio de uma prova teórico-prática, recebendo o título de técnico em fisioterapia (Marques; Sanches, 1994). Esse curso técnico existiu até 1958, quando surgiram os Institutos de Reabilitação pela América Latina, com o fomento da Organização Pan-Americana

da Saúde (OPAS) (Marques; Sanches, 1994). Nesse mesmo período, a Lei nº 5.029 anexou o curso técnico à cadeira de Ortopedia e Traumatologia da FMUSP (Marques; Sanches, 1994).

Em 1954, no Rio de Janeiro, surge a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), a primeira instituição do Brasil a disponibilizar curso de graduação regular em fisioterapia, por meio da criação da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro, ocorrida em 1956 (Calvalcante *et al.*, 2011; Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, 2023). Inicialmente a duração do curso era de dois anos, mas, em 1958 foi ampliada para três anos (Reis; Lopes, 2018).

Sua identidade foi constituída com base em um conceito de reabilitação física, inclusive no Brasil, que teve seu reconhecimento durante a epidemia de poliomielite (Espíndola; Borenstein, 2011). Dessa forma, pode-se afirmar que a fisioterapia brasileira nasceu no eixo Rio-São Paulo e, nas duas cidades, contextualizou-se em meio ao crescimento da epidemia de poliomielite e à necessidade de profissionais especializados no tratamento às vítimas (Barros, 2009; Silva *et al.*, 2012; Araujo; Soares, 2017).

Dado esse cenário inicial da saúde brasileira, o objetivo primário da formação técnica e, posteriormente, de nível superior dos primeiros fisioterapeutas era a reabilitação dos pacientes acometidos pelas mais variadas moléstias, bem como sua reintegração na vida em sociedade (Barros, 2009). Entretanto, o papel desse profissional não se encontra restrito apenas ao tratamento de incapacidades estabelecidas, mas também à prevenção de diversas doenças, retardando o tempo de evolução das mesmas e diminuindo o risco de sequelas definitivas (Maia *et al.*, 2015).

A fisioterapia foi legitimada e regulamentada como uma profissão somente após a publicação do Decreto Lei nº 938, de 13 de outubro de 1969, em um período de agravamento das condições de saúde populacional e deficiência do sistema assistencial brasileiro, durante a ditadura militar (Bispo Júnior, 2009; Brasil, 2023b). A partir do decreto, os fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais diplomados pelas escolas e cursos reconhecidos, até então existentes, passam a ser profissionais de curso superior, podendo realizar terapêuticas com o objetivo de restaurar, de desenvolver e conservar o bem-estar físico do paciente (Brasil, 2023b). Ainda, segundo o art. 5º do Decreto de Lei nº 938, os profissionais têm direito a:

- I – dirigir serviços em órgãos e estabelecimentos públicos ou particulares, ou assessorá-los tecnicamente;
- II – exercer o magistério nas disciplinas de formação básica ou profissional, de nível superior ou médio;
- III – supervisionar profissionais e alunos em trabalhos técnicos e práticos.

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e os Conselhos Regionais da de Fisioterapia e Terapias Ocupacionais (CREFITO) foram criados por meio da Lei nº 6.316, de 17 de dezembro de 1975, incumbindo aos órgãos a fiscalização e normatização do exercício da profissão (Brasil, 2023a).

Inicialmente, a duração dos cursos de fisioterapia variava entre 2 a 4 anos letivos, incluindo mudanças próprias de cada universidade ou faculdade no currículo ao longo dos anos (Reis; Lopes, 2018). Nesse sentido, em 1983, a Resolução nº 4, de 28 de fevereiro decretou quatro anos como a formação mínima dos profissionais (Reis; Lopes, 2018). Posteriormente,

em 2002, a Resolução CNE/CES nº 4 de 19 de fevereiro estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia (Brasil, 2002).

Com base no contexto histórico apresentado, pretende-se, com este artigo, registrar o início da atuação da fisioterapia como profissão no município de Erechim-RS, por meio do relato das vivências de uma das primeiras profissionais atuantes no local, Marta Helena Rocha Castro.

Metodologia

O presente artigo objetiva o resgate histórico por meio das memórias e relatos contados por uma fisioterapeuta, considerada uma das pioneiras na implementação da fisioterapia como profissão no município de Erechim e no Alto Uruguai Gaúcho. A coleta de dados aconteceu por meio de uma entrevista semiestruturada, gravada em áudio por um *smartphone*, e consentida pela participante por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e da Autorização Gratuita de Uso de Informação Autoral (oral) Informal. Por fim, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a temática proposta em plataformas como *Scielo* e *Google Acadêmico*, além de *sites* da *internet*, pertencentes à órgãos como Ministério da Saúde, Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Fundação Oswaldo Cruz e Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação.

Resultados e discussões

Nascida em 15 de maio de 1960, em Santa Maria-RS, Marta Helena Rocha Castro foi a primeira mulher fisioterapeuta a atuar no Alto Uruguai Gaúcho. Formada pela terceira turma do curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 1981 (Figura 1 e Figura 2), e pós-graduada em traumatologia-ortopedia pela Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde de União da Vitória (UNIGUAÇU) (Figura 3), escolheu a profissão por acaso. Pretendia, inicialmente, cursar fonoaudiologia, porém, antes de fazer a inscrição, uma série de testes de aptidão eram aplicados, nos quais, infelizmente, não foi aprovada. Ao lado da fonoaudiologia ficava o setor da fisioterapia e, passando pelo mesmo, Marta decidiu realizar uma entrevista, na qual foi aprovada e estava apta para iniciar os estudos na área. O curso tinha uma duração de três anos letivos, com aulas nos turnos da manhã, tarde e noite. Havia 35 vagas em sua turma, que era composta majoritariamente por mulheres (mais de 80% dos alunos) (Castro, 2023).

Figura 1 – Diploma de formatura de Marta Helena Rocha, obtido na UFSM/RS, em 1981



Fonte: Fotografia do diploma original, obtida no acervo pessoal da entrevistada (2023).

Figura 2 – Formatura de Marta Helena Rocha



Fonte: Fotografia original, obtida no acervo pessoal da entrevistada (2023).

Figura 03 – Diploma de pós-graduação em Fisioterapia Traumato Ortopédica, em 2004



Fonte: Fotografia do diploma original, obtida no acervo pessoal da entrevistada (2023).

Antes mesmo de sair da graduação atendia pacientes domiciliares, pela escassez de profissionais. Após sua formatura, permaneceu em Santa Maria por cerca de um ano e meio. Continuou atendendo domiciliar, mas também começou a trabalhar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Sua conexão com a APAE sempre foi muito forte. Foi na associação de Santa Maria que atendeu seu primeiro paciente após diplomada, uma criança com microcefalia (Castro, 2023).

No ano de 1982, seu marido se formou em medicina, também na UFSM, e recebeu uma proposta de emprego no município de Marcelino Ramos-RS, fato que culminou na mudança de cidade do casal. Aproximadamente seis meses após a mudança, uma paciente de seu marido descobriu que Marta era fisioterapeuta e levou a informação a um grupo de médicos ortopedistas de Erechim. Estes médicos entraram em contato e lhe ofereceram uma oportunidade de trabalho na cidade. Marta começou a atender pacientes na área de traumatismo-ortopedia, em setembro de 1984, na clínica Pronto Atendimento de Fraturas Alto Uruguai, localizada em frente ao Hospital de Caridade, juntamente com os médicos ortopedistas Dr Luiz Carlos Noskoski, Dr Olinto Chaves dos Santos e Dr Rubens José Munaretto. Contudo, como não existiam outros profissionais no município, também realizava atendimentos particulares eventuais no Hospital de Caridade, principalmente na questão de orientação de casos mais graves, como tétano e acidentes vasculares cerebrais (AVC). Ainda, em outubro do mesmo ano, foi contratada pela APAE de Erechim para auxiliar no tratamento dos pacientes. (Castro, 2023).

Atendeu no Pronto Atendimento de Fraturas Alto Uruguai até janeiro de 1986 e, durante esse período, ainda residia em Marcelino Ramos. Retornou para seu município de procedência em 1986 e abriu uma clínica de fisioterapia por cinco anos (1986-1991). Apesar disso, continuou seus serviços na APAE de Erechim, até o ano de 1988. Em 1991, decidiu retornar para Erechim novamente, dessa vez residindo na cidade. Marta voltou a trabalhar no Pronto Atendimento de Fraturas Alto Uruguai, local em que permaneceu de junho de 1991 a junho de 2005. Posteriormente, seguiu realizando atendimentos domiciliares (Castro, 2023).

No decorrer de sua carreira, dedicou-se a duas grandes áreas: a traumatismo-ortopedia e a neurologia, a segunda, sua grande paixão. Adquiriu experiências no campo da neurologia por meio de estágios feitos na Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) e por sua atuação, por anos, realizada na APAE. Marta atendia um público heterogêneo, desde crianças até idosos, com as mais diversas moléstias. Era procurada, principalmente, para tratar pós-operatórios de joelho e quadril, hemiplegias por AVC e paraplegias. Sempre gostou e se dedicou à reabilitação de pacientes. Nunca trabalhou com docência na graduação de fisioterapia, seu contato mais próximo com a educação foi ministrar cursos para professores relacionados à área de neurologia da criança (Castro, 2023).

Antes de Marta, outros dois fisioterapeutas, também formados nas primeiras turmas da UFSM, trabalharam em Erechim, mais especificamente na APAE. Nenhum residia no município e permaneceram por curto período de tempo. Estes eram Rogério Rodrigues Dias, falecido, que possuía uma clínica em Getúlio Vargas, e Roni Silveira, que atendia em Passo Fundo. Marta ficou, no período de 1984 a 1986, como a única fisioterapeuta de Erechim. Em 1986, quando retornou para Marcelino Ramos, Mari Angela Santin foi quem a substituiu no Pronto Atendimento de Fraturas, até o ano de 1991. A segunda clínica de fisioterapia a instalar-

se em Erechim foi a de Everton Barbieri, em conjunto com sua esposa, Adriana Pandolfi Passos Barbieri, no final de 1986. A terceira clínica foi criada por Mari Santin, em 1991. (Castro, 2023).

Marta Castro, no início de sua trajetória, trabalhava como comissionada no Pronto Atendimento de Fraturas Alto Uruguai, recebendo uma porcentagem sobre cada atendimento. Os pacientes não eram conveniados a planos de saúde, porém, a clínica possuía uma parceria com a saúde pública, realizando algumas sessões de fisioterapia de forma gratuita à população necessitada. Marta participou do primeiro concurso realizado pela Prefeitura Municipal de Erechim para fisioterapeuta, contudo, Gleny Fatima Sebben foi a profissional selecionada para o cargo (Castro, 2023). Apesar da importância e necessidade apresentada pela população, a inclusão dos fisioterapeutas na Estratégia Saúde da Família (ESF), inserida na Atenção Primária à Saúde (APS) é recente (Brasil, 2021b). O Projeto de Lei nº 6.206 foi apresentado na Câmara dos Deputados no ano de 2009, entretanto, a inserção foi somente decretada pela Lei nº. 14.231, de 28 de outubro de 2021, visando o atendimento multidisciplinar em saúde e a contribuição na reabilitação de pacientes pós Covid-19 (Maia *et al.*, 2015; Brasil, 2021b; Brasil, 2021b).

A primeira clínica Erechinense em que Marta atuou foi evoluindo ao longo dos anos nas questões relacionadas a infraestrutura. Nos primórdios, era uma casa adaptada em clínica de fisioterapia, que atendia os pacientes particulares e pelo sistema público da época (INAMPS) no mesmo ambiente, com vários profissionais trabalhando ao mesmo tempo. Era equipada com aparelhos, mas não era apropriada para reabilitação, já que nem espaço com tatame possuía. Existiam assistentes sem formação em fisioterapia que auxiliavam nos atendimentos, todavia, essa prática foi abolida pelo Conselho Profissional, existindo-se a necessidade de contratação de mais profissionais graduados. Com o passar dos anos, a clínica foi ampliada, transformada em um prédio, com variedade maior de equipamentos e possibilidade de realizar uma reabilitação adequadamente, com a implementação de um tatame e de uma piscina para hidroterapia. Os pacientes particulares também passaram a ser atendidos em um local diferente dos provenientes da saúde pública (Castro, 2023).

A estrutura da APAE-Erechim era excelente. Pouco tempo depois de ser contratada, em 1985, a Associação se mudou para um novo endereço, no bairro Boa Vista, onde permanece até os dias atuais. Contava com equipe multidisciplinar: fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo, assistente social, entre outros. Marta se deslocava até o local apenas uma vez por semana, para avaliar os pacientes e montar os planos terapêuticos. Depois, quem realizava os atendimentos eram os auxiliares sem formação específica na área, o que difere dos dias atuais (Castro, 2023).

O consultório próprio que abriu em Marcelino Ramos já foi planejado e voltado para a reabilitação dos pacientes, principalmente dos acometidos por doenças neurológicas. Os atendimentos eram individuais e a estrutura do local permitia a realização de exercícios e estímulos diferenciados. Era realizada a fisioterapia manual, mas o espaço também era equipado com alguns aparelhos, que auxiliavam nos resultados da terapia, como o aparelho de ultrassom, que Marta ainda possui em seu acervo (Figura 4) (Castro, 2023).

Figura 4 – Aparelho de ultrassom

Fonte: Fotografia original do equipamento, obtida no acervo pessoal da entrevistada (2023).

Notou diversas mudanças na profissão ao longo dos anos. O início foi desafiador, por ser uma profissão recente, pouco era o conhecimento sobre a atuação do fisioterapeuta, tanto entre os profissionais da saúde, quanto entre a população leiga. Marta conta que seu trabalho era muito associado ao de massagistas ou de médicos. Certa vez, ao colocar um anúncio na rádio de Marcelino Ramos, para divulgar sua nova clínica, recebeu pacientes que a procuravam para realizar consultas e receber medicamentos para tratar suas doenças, e não para, de fato, realizarem uma reabilitação e melhorarem dos sintomas por meio de exercícios. Como não existiam fisioterapeutas, a profissão não era conhecida, bem como suas competências, essa desinformação e o receio da novidade faziam com que a população procurasse os recursos já há muito conhecidos, com os chamados “arrumadores de ossos”, que detinham forte influência, principalmente no interior no estado. Marta relata que 20 anos atrás, atendia muitos pacientes com sequelas causadas pela falta de técnica utilizada pelos “arrumadores de ossos” ao reduzir luxações e tratar fraturas. Deformidades ósseas e ruptura de ligamentos são alguns dos resultados causados pela falta de conhecimento técnico dos arrumadores (Castro, 2023).

A busca por bibliografias também era complexa, os livros específicos eram poucos (utilizavam os de medicina) e a *internet* não era acessível, fato que também impedia, frequentemente, a discussão de casos (Castro, 2023). Por conta disso, nos pacientes mais graves, o tratamento era estabelecido por tentativas, erros e acertos, buscando trabalhar cada caso de forma singular e esperando os melhores resultados possíveis com os recursos disponíveis (Castro, 2023). Isso aconteceu no caso de duas crianças atendidas por Marta com diagnóstico de artrogrípse, uma doença congênita, não progressiva e incurável, caracterizada por múltiplas contraturas articulares (Castro, 2023; Niehues; Gonzales; Fraga, 2023). Em suas pesquisas, encontrava apenas conceitos da doença em livros de medicina, mas nenhuma fonte trazia como manejar os pacientes. Atendeu essas crianças por anos, desde sua saída da maternidade até o final da primeira infância. Esses casos lhe marcaram tanto que continuou tendo contato com as crianças, mesmo após o fim das sessões, já que estas frequentavam sua casa (Castro, 2023).

Especializações, como residências e pós-graduações, também não existiam. O primeiro mestrado em fisioterapia aprovado no Brasil pelo Ministério da Educação (MEC) foi somente no ano de 1996, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no estado de São Paulo (Costa, 2007). Os próprios professores da graduação da UFSM se deslocavam de São Paulo e do Rio de

Janeiro para ministrar as aulas. Depois, foram os estudantes formados nas primeiras turmas que passaram a integrar o corpo docente da universidade e a atender a cidade de Santa Maria, local onde havia apenas duas clínicas de fisioterapia no início da década de 1980, dirigidas por um ortopedista e um fisiatra e atendidas por auxiliares. Hoje em dia a fisioterapia teve uma mudança significativa. A população e os profissionais da área da saúde entendem sua importância, as técnicas utilizadas foram evoluindo e novas áreas de atuação foram criadas, como a ergonomia e a dermatofuncional (Castro, 2023).

O contato próximo com cada paciente fez Marta criar laços afetivos. Um dos casos que lhe marcou foi o de um menino, por volta dos seis anos, com paralisia cerebral, que estava em atendimento domiciliar em Santa Maria. A criança não falava, mas, mesmo assim, conseguia se comunicar por meio de expressões. A família era muito cooperativa, montou um ambiente adequado para poder trabalhar a reabilitação, com a colocação de barras, e auxiliava nos estímulos necessários, tanto que a criança já conseguia trocar passos. Após alguns anos, Marta tentou reencontrar o menino e a família, porém, não teve sucesso. Também recorda de quando realizou sessões de fisioterapia de reabilitação para um professor de educação física que ficou tetraplégico. A família morava no interior e se mudou para Erechim para ofertar um tratamento melhor ao rapaz. Foi realizada uma orientação familiar, envolvendo a família nos exercícios, para que fossem realizados de modo frequente. Depois de anos, Marta encontrou uma reportagem na *internet* contando a história de superação do homem, que havia se tornado treinador de basquete, criando as jogadas com uma planilha que conseguia manipular (Castro, 2023).

O apoio familiar é essencial para atingir os resultados esperados. Antigamente, pela falta de esclarecimento, notava-se uma lacuna no binômio família-paciente, em que o grupo familiar, principalmente em casos mais graves, ou estava em negação quanto ao acontecido ou não auxiliava da forma necessária, provendo estímulos diários ao paciente. Marta sempre procurava explicar a situação e esclarecer todas as dúvidas para a família, enfatizando que a fisioterapia é um trabalho de repetição, em que as pequenas vitórias são comemoradas. A fisioterapeuta observa que essa relação tem mudado após a disseminação de informações, pois o ser humano tende a cooperar mais com o que conhece (Castro, 2023).

Outra forma de melhorar os resultados obtidos é a inserção do paciente em uma estratégia de cuidados multidisciplinar em saúde, já que o mesmo é visto como um todo e suas potencialidades são trabalhadas integralmente e de maneira uniforme. Ainda, a troca de experiência com as demais áreas da saúde permite ao profissional conhecimento amplo e variado do quadro clínico, além de relatórios sobre a evolução completa do paciente (Castro, 2023).

Marta Castro (Figura 5) encerrou suas atividades profissionais em 2014, após 34 anos de atuação como fisioterapeuta. A fadiga gerada pelos anos de trabalho e o esforço físico necessário para atender os pacientes, que eram, em sua maioria, neurológicos, foram os motivadores para a decisão. Primeiro, deixou de frequentar a clínica, após, foi diminuindo o número de atendimentos domiciliares. Sua última paciente foi uma mulher acometida por AVC, que faleceu tempo após o término do tratamento (Castro, 2023).

Figura 5 – Marta Helena Rocha Castro, em 25 de agosto de 2023

Fonte: Os autores (2023).

Ao longo de sua carreira, aprendeu muito com a fisioterapia. Acredita que duas palavras definam sua profissão: paciência e acreditar. A paciência e dedicação, tanto para o profissional, quanto para o paciente, são fundamentais para alcançar os objetivos, pois a fisioterapia trabalha com a repetição, a constância é necessária para a evolução. E acreditar no resultado, comemorando as pequenas evoluções conquistadas, desde o reganho de equilíbrio, a flexão e a extensão de um membro até a troca dos primeiros passos. O paciente entender todo o processo terapêutico e o porquê de estar fazendo de determinada maneira também é um ponto importante para o sucesso do tratamento. Além disso, Marta aprendeu por meio das histórias de seus pacientes, da superação vivida a cada dia pelas famílias, e sentiu o carinho com que lhe recebiam por dedicar sua atenção a cada caso, de maneira singular. A fisioterapia não foi sua primeira escolha, mas a que fez com que se sentisse gratificada profissionalmente (Castro, 2023).

Reconhece que a presença do curso de Fisioterapia na URI-Erechim trouxe um diferencial para a cidade. Porém, tem certo receio a respeito da abertura indiscriminada de novos cursos e vagas, com a formação em massa de profissionais. Apesar da saturação no mercado de trabalho, vê a Fisioterapia como uma profissão que nunca irá acabar, devido às novas áreas de atuação e ao crescente número de pesquisas inovadoras, principalmente na área da reabilitação. Cabe aos órgãos reguladores, como o Ministério da Educação, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO) a fiscalização adequada e garantia de que esses novos profissionais tenham uma formação de qualidade e, que, quando entrarem no mercado de trabalho, exerçam a profissão de maneira ética (Castro, 2023).

Considerações finais

A fisioterapia é uma profissão com laços em uma ciência milenar que se utilizava de elementos da natureza como fonte de cura e evoluiu ao longo dos anos quanto as técnicas e atuações. Apesar da legitimação recente, tornou-se uma ocupação muito procurada, com uma ampla área de atuação, permitindo o desenvolvimento de métodos que previnem e tratam os distúrbios cinéticos funcionais intercorrentes em órgãos e sistemas do corpo humano, gerados por alterações genéticas, traumas e doenças adquiridas.

O pioneirismo de Marta Helena Rocha Castro e seu amor pela fisioterapia servem de exemplo para as novas gerações de graduados. Sua breve biografia demonstra o protagonismo feminino presente na profissão, o qual se encontra profundamente atrelado às turmas universitárias. Foi a primeira mulher fisioterapeuta a atuar no Alto Uruguai Gaúcho, na cidade de Marcelino Ramos e, apesar de não ter sido a primeira profissional a atuar em Erechim, Marta foi, de fato, quem iniciou a atividade profissional da fisioterapia no município. Por meio de seus atendimentos, disseminou conhecimentos para a população em geral, diminuindo os estigmas que permeavam a fisioterapia e suas práticas.

Referências

ARAUJO, Reinolt Farias de; SOARES, Janderson da Silva. A HISTÓRIA DA FISIOTERAPIA: como a profissão se tornou o que é hoje. *Brazilian Journal Of Surgery And Clinical Research*, [Cianorte], v. 18, n. 3, p. 137-142, mar. 2017. Disponível em: <https://www.mastereditora.com.br/download-2190>. Acesso em: 02 set. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA BENEFICENTE DE REABILITAÇÃO. **Nossa História**. Disponível em: <https://abbr.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 02 set. 2023.

BARROS, Fabio Batalha Monteiro de. FISIOTERAPIA, POLIOMIELITE E FILANTROPIA: a abbr e a formação do fisioterapeuta no rio de janeiro (1954-1965). 2009. 259 f. Tese (Doutorado) - Curso de História das Ciências, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6153>. Acesso em: 03 set. 2023.

BISPO JÚNIOR, José Patrício. Formação em fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 655-668, set. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702009000300005>. Acesso em: 02 set. 2023.

BRANDENBURG, Cristine; MARTINS, Aline Barbosa Teixeira. Fisioterapia: história e educação. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTORIA DA EDUCAÇÃO (ECHE), 11.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO (ENHIME), 1., 2012, Fortaleza. **Anais [...]** Fortaleza: Imprece, 2012. p. 1674-1684. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24859>. Acesso em: 02 set. 2023.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 4, de 19 de fevereiro de 2002. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em fisioterapia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 42, p 11-12, 04 mar. 2002. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=04/03/2002&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=120>. Acesso em: 09 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.231, de 28 de outubro de 2021. Inclui os profissionais fisioterapeuta e terapeuta ocupacional na estratégia de saúde da família. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 159, n. 205, p. 1-1, 29 out. 2021. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=1&data=29/10/2021>. Acesso em: 02 set. 2023a.

BRASIL. Saúde da Família ganha reforço com inclusão de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais. **Ministério da Saúde**. Out. 2021. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/14440>. Acesso em: 02 set. 2023b.

BRASIL. Fisioterapia. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/fisioterapeuta/>. Acesso em: 03 set. 2023a.

BRASIL. Regulamentação. **COFFITO**. Disponível em: https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=2357. Acesso em: 03 set. 2023b.

CALVALCANTE, Cristiane de Carvalho Lima et al. Evolução científica da fisioterapia em 40 anos de profissão. *Fisioterapia em Movimento*, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 513-522, set. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-51502011000300016>. Acesso em: 03 set. 2023.

CASTRO, Marta Helena Rocha. Entrevista concedida a Naiane Ronsoni Rigo. Erechim, 25 ago. 2023.

COSTA, Dirceu. Dez anos de pós-graduação Stricto sensu em fisioterapia no Brasil: o que mudou?. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 5-6, fev. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100001>. Acesso em: 06 set. 2023.

ESPÍNDOLA, Daniela Simoni; BORENSTEIN, Miriam Süsskind. Evolução histórica da fisioterapia: da massagem ao reconhecimento profissional (1894-2010). *Fisioterapia Brasil*, [s. l.], v. 12, n. 5, p. 389-394, set. 2011. Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/944/1926>. Acesso em: 06 set. 2023.

FONSECA, João Pedro da. HISTÓRIA DA FISIOTERAPIA EM PORTUGAL (DA ORIGEM A 1966). 2012. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Fisioterapia, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/2681>. Acesso em: 02 set. 2023.

MAIA, Francisco Eudison da Silva et al. A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DO PROFISSIONAL FISIOTERAPEUTA NA ATENÇÃO BÁSICA DE SAÚDE. *Rev. Fac.*

Ciênc. Méd. Sorocaba, Sorocaba, v. 17, n. 3, p. 110-115, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/download/16292/pdf>. Acesso em: 06 set. 2023.

MARQUES, Amélia Pasqual; SANCHES, Eugênio Lopes. ORIGEM E EVOLUÇÃO DA FISIOTERAPIA: aspectos históricos e legais. Rev. Fisioter. Univ. São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 5-10, jun. 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/fpusp/article/view/75027/78586>. Acesso em: 03 set. 2023.

MOREIRA, Maria Magna da Silva. Manifestações do Movimento Higienista em Caetanópolis (MG) no início do século XX. In: XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 19., 2014, Juiz de Fora. Anais [...] . [S. I.]: Anpuh/Mg, 2014. p. 1-23. Disponível em: http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1402625816_ARQUIVO_ManifestacoesdoMovimentoHigienistaemCaetanopolis_1_.pdf. Acesso em: 03 set. 2023.

NIEHUES, Janaina Rocha; GONZALES, Ana Inês; FRAGA, Daiane Bittencourt. Intervenção fisioterapêutica na artrogripose múltipla congênita: uma revisão sistemática. Cinergis, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 43-47, mar. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/4433>. Acesso em: 02 set. 2023.

OLIVEIRA, Maria João. A pronúncia e a grafia de fisioterapia. 2014. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-pronuncia-e-a-grafia-de-fisioterapia/32616#:~:text=Esta%20palavra%20%C3%A9%20um%20composto,corresponde%20ao%20tratamento%20de%20doen%C3%A7as>. Acesso em: 02 set. 2023.

REIS, Stéphaney C. C. A. Guedes; LOPES, Roseli Esquerdo. O início da trajetória de institucionalização acadêmica da terapia ocupacional no Brasil: o que contam os(as) docentes pioneiros(as) sobre a criação dos primeiros cursos. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 255-270, ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1154>. Acesso em: 02 set. 2023.

SILVA, Robson Feliciano da et al. A ORIGEM E EVOLUÇÃO DA FISIOTERAPIA: da antiguidade ao reconhecimento profissional. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S.L.], v. 7, n. 7, p. 782-791, 31 jul. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.51891/rease.v7i7.1718>. Acesso em: 02 set. 2023.